

Autorização concedida a Biblioteca Central da Universidade de Brasília pelos organizadores para disponibilizar a obra, gratuitamente, de acordo com a licença conforme permissões assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da obra, a partir desta data.

A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Referência

IADANZA, Enaile do Espírito Santo; BRAGA, Bruna Braz; ANDRADE, Manoel Pereira de (org.).

Ribeirinhos do Acuti Pereira: Marajó - PA. Brasília: Universidade de Brasília, 2023. *E-book* (25 p., il.). (Cadernos Vivência Amazônica; 3).



Cadernos
**Vivência
Amazônica**

*Ribeirinhos do
Acuti Pereira
Marajó - PA*

3

CADERNOS VIVÊNCIA AMAZÔNICA Nº 3
RIBEIRINHOS DO ACUTI PEREIRA
MARAJÓ - PA

Projeto de Extensão Vivência Amazônica
Universidade de Brasília

Vivência Amazônica 2019

30 de novembro a 21 de dezembro de 2019

Organização

Prof^ª. Dr^ª. Enaile do Espírito Santo Iadanza
Bruna Braz Braga
Prof. Dr. Manoel Pereira de Andrade

Estagiário

Pedro Saliba Curi

Pesquisa

Bruna Braz Braga
Enaile do Espírito Santo Iadanza

Transcrição dos áudios

Bruna Braz Braga

Projeto gráfico e editoração

Raíssa Ferreira

Fotografias

Acervo do Núcleo de Estudos Amazônicos

Mapa

Bruna Braz Braga

Endereço no repositório UnB: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/45509>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

R484 Ribeirinhos do Acuti Pereira : Marajó - PA /
 organização: Enaile do Espírito Santo Iadanza,
 Bruna Braz Braga, Manoel Pereira de Andrade. -
 Brasília : Universidade de Brasília, 2023.
 25 p. : il. - (Cadernos Vivência Amazônica ; 3).

Inclui bibliografia.
Modo de acesso: World Wide Web: <neaz.unb.br>.
ISBN 978-65-86503-93-7 (e-book).

1. Amazônia - Aspectos sociais. 2. Vida
ribeirinha - Marajó, Baía de (PA). I. Iadanza,
Enaile do Espírito Santo (org.). II. Braga, Bruna
Braz (org.). III. Andrade, Manoel Pereira de
(org.). IV. Série.

CDU 316.35(81)

APRESENTAÇÃO

Os **Cadernos Vivência Amazônica** pretendem mostrar algumas das experiências vividas pelos e pelas estudantes que participaram do Projeto de Extensão “Vivência Amazônica”, coordenado pelo Núcleo de Estudos Amazônicos, do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, da Universidade de Brasília (NEAz/CEAM/UnB), e dar visibilidade aos modos de vida e trabalho e à cultura das comunidades vivenciadas e suas relações com a natureza.

O Projeto Vivência Amazônica tem sido realizado a cada ano letivo e tem como principais participantes os e as estudantes da disciplina “Tópicos Especiais sobre a Amazônia”, do NEAz/CEAM/UnB. Os e as estudantes se organizam cerca de seis meses antes da concretização da Vivência Amazônica para planejar a elaboração do projeto, a agenda, o roteiro, o período, as habilidades e cuidados, e para realizar estudos sobre as comunidades selecionadas.

A Vivência Amazônica busca proporcionar às e aos participantes uma aproximação às realidades e causas amazônicas. Desta forma, entendeu-se que o contato dos e das estudantes com a Amazônia, além da sala de aula, seria importante para que pudessem conhecer o meio natural, as transformações que vêm ocorrendo nessa vasta região, as cidades e seus equipamentos e vivenciar a realidade dos povos indígenas, das populações e comunidades tradicionais da Amazônia.

Também pretende contribuir para o processo de autoconhecimento de seus participantes, de interações destes com o contexto vivenciado e mediado por intensos diálogos e relações de trocas entre os e as participantes da Vivência e o conjunto dos povos indígenas, populações e comunidades tradicionais e demais sujeitos que participam da Vivência e de seu processo de construção. Os ensinamentos de Paulo Freire seguem conduzindo todo o processo de aprendizado, possibilitando entendimentos de que “não há saber mais, não há saber menos, há saberes diferentes”.

Esperamos que a série **Cadernos Vivência Amazônica** contribua para despertar o interesse por esse mundo, desconhecido para muitos, que é a Amazônia, com seus ricos ecossistemas e a grande diversidade étnica e cultural de seus povos e comunidades.

Boa leitura



SUMÁRIO

COMUNIDADE VIVENCIADA	6
Breve História	8
Organização	10
INICIATIVAS DA COMUNIDADE	12
Fundo Solidário Açaí	12
Cozinha laçá	15
Feiras de Ciências	15
Manejo dos Açaizais	17
REFERÊNCIAS	21
AGRADECIMENTOS	23
FOTOS	24
PARTICIPANTES DA VIVÊNCIA AMAZÔNICA 2019	26

COMUNIDADE VIVENCIADA

A Vivência Amazônica esteve nos dias 10 e 11 de dezembro de 2019 no município de Portel, no Marajó, estado do Pará, mais especificamente na comunidade Santo Ezequiel Moreno. Esta comunidade é composta por agroextrativistas que, através do uso sustentável dos bens da natureza, garantem seu sustento e autonomia. Seus moradores vivem ao longo do rio Acuti Pereira, o qual marca de forma decisiva os seus modos de vida e a relação com a floresta e as águas, onde predominam os açaiçais. Por terem uma forma peculiar de se relacionar social,



histórica, econômica e culturalmente com o território, a floresta e as águas, se identificam como ribeirinhos.

Na comunidade Santo Ezequiel Moreno foram realizadas, durante a Vivência, rodas de conversa com os moradores, além de visitas pela floresta e pelos espaços comuns utilizados pela comunidade, como o centro comunitário, a escola, a agroindústria comunitária, a casa de farinha e outros espaços coletivos utilizados para diversas finalidades. Foram realizadas também visitas em casas dos moradores da comunidade.



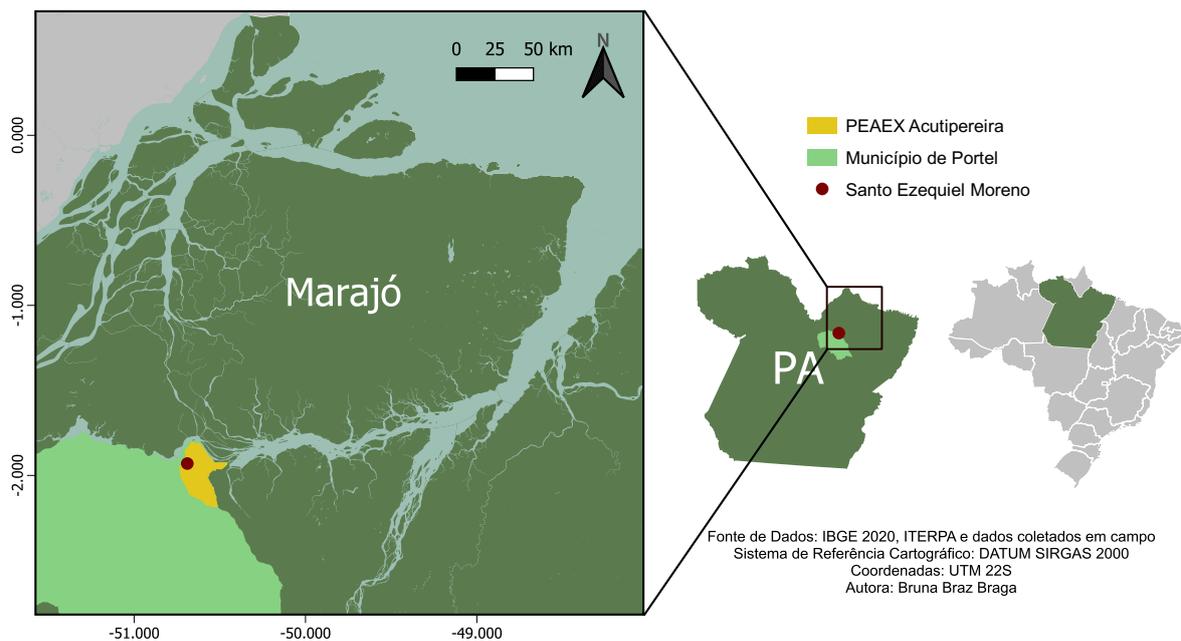
Rodas de conversa com os moradores da comunidade Santo Ezequiel Moreno.

A comunidade Santo Ezequiel Moreno, cujo nome faz referência ao santo padroeiro local, está localizada às margens do rio Acuti Pereira, município de Portel, região do Marajó, estado do Pará. É composta por 36 famílias, cerca de 150 moradores, que têm como atividades principais a agricultura, a pesca e o extrativismo, especialmente do fruto do açaí (*Euterpe oleracea* Mart.). Além destas atividades, a comunidade desenvolve outras como os cultivos agrícolas, especialmente da mandioca, da qual produzem a farinha, e criam pequenos animais. Também produzem caixas de madeira para criação de abelhas e polpas de frutas, como por exemplo manga, taperebá,

cupuaçu e bacuri, confeccionadas na mini agroindústria existente na comunidade. Ainda fazem artesanatos, principalmente com buriti e arumã.

A comunidade é banhada pelo rio Acuti Pereira, que além de ser uma importante fonte de alimento e renda, é local de banho e lazer, e possibilita a mobilidade dos membros da comunidade, que utilizam barcos e canoas. As moradias são construídas, normalmente em áreas alagadiças, sustentadas por estacas, denominadas de palafitas¹. As moradias são conectadas por pontes de madeira construídas pela própria comunidade.

¹Também são denominadas de palafitas o conjunto da casa sobre as estacas em áreas alagadiças.



Localização do PEAEX Acutipereira e da comunidade Santo Ezequiel Moreno, Marajó (PA)



Comunidade Santo Ezequiel Moreno com suas casas e pontes peculiares.

Breve História

Os povos originários do território marajoara, bem como em todo o Brasil, foram os indígenas, depois se somaram famílias inteiras provenientes do continente africano, escravizadas pelo colonizador juntamente com os indígenas. Mais recente, especialmente na passagem do século XIX para o XX, chegaram os migrantes nordestinos, recrutados para trabalhar no extrativismo da borracha nos seringais nativos da região do Marajó. Essa diversidade étnica e cultural marcou a população de ribeirinhos da Amazônia, em especial as famílias da comunidade vivenciada de Santo Ezequiel Moreno.

Os primeiros habitantes que chegaram aqui para morar foi em 1962, e veio se construindo até hoje. (...) Primeiro eles vieram em busca de melhoria para eles. Na época, eles chegaram e ainda era a borracha, estava aí o ciclo da borracha. Depois também começaram a trabalhar com a agricultura em pequena escala, e aí depois vai crescendo a questão do extrativismo, de cortar o palmito, e também explorar a madeira (morador da comunidade).

Nós somos de Portel. Meus pais vieram com o meu bisavô, que segundo a minha avó eles vieram do Ceará, os pais da minha avó. O meu avô tinha uma característica muito forte africana. Eu não sei, eu não cheguei a ver ele mesmo, mas eu vi a foto dele, era bem negro mesmo (morador da comunidade).

Com o declínio da produção da borracha, especialmente em meados do século XX, após a Segunda Guerra Mundial, os seringais nativos foram abandonados pelos seringueiros. Os trabalhadores envolvidos com essa atividade, denominados de soldados da borracha, em sua maioria, provenientes

do nordeste brasileiro, continuaram na região.

A gente fala, porque os nossos pais passaram por aqui. A gente passou, mas não riscava mais a seringa. Eu não cheguei a riscar a seringa, mas olha, está lá uma árvore que foi riscada e ainda tem o risco (morador da comunidade).

Após o abandono dos seringais nativos, os trabalhadores e trabalhadoras passaram a ter como atividades principais a agricultura, a pesca, a caça, a criação de pequenos animais e o extrativismo de produtos da floresta como formas de sustento da família e meio de vida. Simultaneamente ao modo de produção camponesa, a exploração de madeira se expande na economia marajoara. A chegada de grandes madeireiras na região impulsionou a extração predatória de madeiras e a exploração da força de trabalho da Amazônia marajoara, especialmente nas décadas de 1970 e 1980. Esta exploração madeireira piorou as condições de vida das populações da região do Marajó (IPEA, 2015).

As décadas de 1980-90 foram o pico da exploração do palmito de açaí no Marajó e na comunidade Santo Ezequiel Moreno. Para extrair o palmito é necessário o corte total da árvore e, desta forma, os açaiuais nativos da região foram esgotando.

Mas eu participei muito do processo, eu fui assassino também de muitas árvores de açaí, eu fui um assassino do palmito. Esse eu participei junto com o meu pai, e a gente ficou, na década de 1990, sem açaí. Não tinha açaí para tomar. Ficamos sem açaí (morador da comunidade).

É importante referir que, a partir da segunda metade da década de 1970, a extração do palmito foi intensa devido ao proces-

so predatório da palmeira juçara (*Euterpe edulis* Mart.) na Mata Atlântica que praticamente a extinguiu. Assim, as empresas de palmito migraram para a Amazônia buscando repetir a degradação que promoveram com a palmeira juçara. Quase conseguiram.

Desde meados da década de 1970, o palmito vinha sendo extraído intensivamente por empresas palmeiras que se instalaram na região após a exaustão da extração do palmito de juçara no Sul e Sudeste do país. A forma intensiva de extração causou grande devastação dos açazais nas áreas de várzea (OLIVEIRA JÚNIOR, 1991, p. 135 apud IPEA, 2015).

Além da degradação ambiental, as palmeiras reeditaram um sistema praticamente extinto com a exploração da borraça nativa da Amazônia. No sistema dos regatões², as palmeiras “compravam o palmito cortado muito barato e vendiam café, açúcar e outras mercadorias bem caras, promovendo o endividamento dos extrativistas. Como desfazer esse círculo vicioso e saldar todas as dívidas, se aquela gente vivia no limite da pobreza?” (RAMOS, 2016).

Essa devastação dos açazais provocou desequilíbrios graves na economia e na qualidade da alimentação dos membros da comunidade Santo Ezequiel Moreno e em seu ambiente natural. Durante a Vivência Amazônica foi possível testemunhar que a polpa do açaí tinha um papel importante na alimentação, principalmente pelas suas propriedades nutricionais, especialmente para as crianças.

As crianças, essa vitalidade que elas têm, o que dá é o nosso açaí. O nosso açaí tem

uma base de vitaminas. Ele também previne muitas doenças, a gente viu agora, recente, um estudo que foi feito. A gente hoje aqui, graças a deus, é difícil ver uma criança doente. É porque o açaí tem as propriedades que previnem (moradora da comunidade).

Portanto, a exploração predatória do palmito resultou na escassez de açazeiros na comunidade Santo Ezequiel Moreno. Tal fato impactou não só na renda dos moradores, como também em sua alimentação, já que houve redução do extrativismo do palmito, mas também dos frutos do açaí, que compõem a base da alimentação dos ribeirinhos marajoaras.

A exploração predatória dos açazais e o desmatamento de outras espécies da floresta também provocaram uma situação grave no município de Portel, que chamou a atenção do país como um todo. Em 2004 houve um surto de raiva provocado pelo ataque de morcegos hematófagos que vitimou 15 pessoas de comunidades ribeirinhas vizinhas. Segundo técnicos do escritório regional do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), que realizaram um relatório sobre esses ataques, a destruição dos habitats naturais e de alimentos para estes animais provocados pelo desmatamento fizeram com que migrassem e fossem se instalar mais próximo aos moradores da região (IBAMA, 2004). Essa situação colocou a comunidade Santo Ezequiel Moreno e outras comunidades do rio Acuti Pereira em alerta.

Ao se verem numa situação de escassez de alimentos e de perigo com a devastação da floresta, os membros das comunidades do rio Acuti Pereira, especialmente a comunidade Santo Ezequiel Moreno, optaram

² Regatão é um vendedor ambulante fluvial que circula nas comunidades ribeirinhas trocando mercadorias adquiridas nas áreas urbanas por produtos provenientes da atividade agroextrativista.

pela extração dos frutos do açaí, sem a destruição dos açaizais. Os frutos extraídos do açaí eram consumidos pelos membros da comunidade e o seu excedente era comercializado para complementar a

renda da família. O fruto do açaí vinha sendo valorizado no mercado regional, nacional e internacional, o que também estimulou o manejo dos açaizais nativos e a sua conservação pelos ribeirinhos.



Açaizeiros da comunidade Santo Ezequiel Moreno.

Organização

Diante desta situação a comunidade começa a se organizar para buscar alternativas que possibilitassem alterar essa realidade. Assim, articulados com organizações de assessoria que atuavam na região e com o Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Portel (STTR-Portel), organizaram a Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas do Rio Acuti Pereira (ATAA), criada em abril de 2004.

Foi em 2003 que a gente começou a trabalhar a questão da associação. A gente já veio trabalhando essa questão do mutirão, mas de uma forma mais organizada. A partir daí, de 2003 para cá, tivemos acompanhando também outras pessoas do bem, que contribuíram muito com a gente, a questão do conhecimento (morador da comunidade).

A criação da ATAA concretizou a organização da comunidade. Também possibilitou consolidar parcerias e disputar o acesso a políticas públicas. Através da Associação, vieram a participar como representantes dela no Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Portel, dando peso às suas reivindicações e enfrentamentos. Foi tão significativa a organização e a criação da ATAA que um dos membros da comunidade, após a criação da Associação, foi eleito presidente do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Portel.

A ATAA ainda criou as condições para a interlocução com o Estado do Pará, especialmente no que se refere à regularização fundiária, reivindicada há tempos. Resolver a situação fundiária era fundamental para dar um basta na depredação dos açaizais pela extração do palmito; para parar o desmatamento predatório e a pesca clandestina.

Desta forma, o manejo e uso dos bens naturais existentes em seus territórios de trabalho e vida estariam sob o controle da comunidade. A criação do Projeto Estadual de Assentamento Agroextrativista Acutipereira (PEAEX-Acutipereira), em 2018, efetivou a luta pela terra da comunidade Santo Ezequiel Moreno, bem como de outras comunidades do rio Acuti Pereira. O PEAEX Acutipereira foi criado pelo decreto nº 2.012 de março de 2018 e ocupa uma área de 65.640,0977 hectares, onde vivem 368 famílias. A comunidade Santo Ezequiel Moreno é uma das comunidades do PEAEX Acutipereira.

Esse assentamento, ele é um assentamento estadual, é uma terra que era do Estado, e nós lutamos para buscar regularizar ela, porque nós éramos posseiros e através das nossas lutas, nós conseguimos o título definitivo dela no ano passado.

A nossa luta pela terra vem desde 2000, e conseguimos o título em 2018. Eu agradeço a Deus por a gente ter lutado pela terra, e tido o sucesso que foi a sua vitória, porque hoje, em outros assentamentos do município, infelizmente não tem sido bons resultados, muitos companheiros tombaram, lavrando a terra com sangue, e ainda não conseguiram. Mas a gente sempre continua orando,

rezando por eles, para que eles tenham também o mesmo sucesso da gente, porque acho que essa é a melhor coisa que tem. Se eu quero o bem para mim, eu quero o bem para o meu próximo. (...) Falar sobre a terra, e dizer assim, que é difícil a gente discutir a questão fundiária hoje, no momento que a gente vive, nesse Brasil aí de retirada de direito para os comunitários. É preciso ter muita coragem para a gente se expor. (...) Essa comunidade, aqui a gente vem trabalhando, a gente passou pelas nossas ações, que a gente veio trabalhando, eu falo assim, a gente é uma comunidade que está começando a se organizar, são 20 anos de luta para a gente chegar onde nós estamos, começando a caminhar. Há três anos aí atrás, a gente veio começando a trabalhar (morador da comunidade).

A organização dos membros da comunidade Santo Ezequiel Moreno também possibilitou a realização e criação de outras atividades, mas o Fundo Açai foi dos mais significativos. Esse fundo tem chamado a atenção para a comunidade principalmente por ter sido construído pelos seus próprios membros com o propósito de resolver suas questões objetivas.



Placa que marca a fundação da comunidade.



Casa da Associação dos moradores da comunidade.

INICIATIVAS DA COMUNIDADE

Fundo Solidário Açaí

Criado em 2010, o Fundo Solidário Açaí teve como objetivo recolher um montante de recursos financeiros das famílias da comunidade, fazendo uma “caixinha”. A quantidade angariada seria utilizada para garantir investimentos de interesse da comunidade e também as necessidades mais emergentes que possibilitassem a sua melhoria de vida. A decisão de onde e como utilizar o montante do Fundo é definida coletivamente em reuniões da comunidade. Quem explica como funciona o Fundo é uma das moradoras, que foi sua coordenadora:

A gente não tinha energia elétrica, inclusive essa aqui chegou foi em julho desse ano [2019], chegou aqui bem recente, a gente não tinha energia elétrica. Então o que a gente vai fazer, a gente vai comprar um conjugado: um motor com um gerador para gerar energia. Mas como a gente vai fazer? A gente vai fazer coleta. Cada família vai entrar com uma quantidade em dinheiro. Aí quanto vai dar para cada um? 190 reais para cada família. E naquela época aquilo era muito, foi muito para a família. Então assim que a gente fez e comprou um gerador no valor de quatro mil e pouco. A gente comprou o gerador. E aí depois, em uma reunião, porque sempre a gente sentava com a comunidade, e reunia, e reunia, e aí de uma dessas reuniões que a gente estava surgindo essa ideia: o que é que nós temos hoje que dá, vamos dizer assim, o que é que nós temos hoje que tiramos um resultado disso? O que é que nós temos? Açaí! Mas de que forma a gente vai fazer?

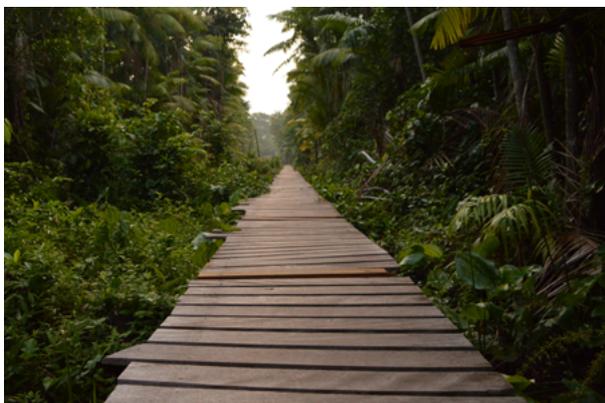
Vamos fazer um fundo? Não era nem fundo que chamava na época, era uma porcentagem. Vamos fazer uma caixinha retornando uma porcentagem para a comunidade? Mas como? É um real por lata de açaí³, coletado no período da safra, para fazer um fundo para a comunidade. Isso em 2010. A gente colocou para a comunidade, e a maioria aceitou, mas alguns não aceitaram porque: – Ah, isso vai envolver dinheiro. Mas tem um povo que acredita. Então bora começar. Então começa com esse povo, então a parte que queria começou. Daí a primeira coisa acho que foi o centro comunitário, a gente comprou uma casa. Então a necessidade nossa, a gente não tinha um lugar para se reunir, para fazer a celebração dos domingos. O Fundo deu para fazer isso. O que a gente conseguiu? Menos de mil reais eu acho, na época. Dá para comprar uma casa para a gente fazer o centro comunitário? Dá! Então com o primeiro dinheiro do Fundo Solidário Açaí a gente comprou essa casa para fazer as celebrações do domingo, e claro, as nossas reuniões, que sempre a gente fazia. As primeiras eram com luz de vela, de lamparina, porque a gente não tinha energia, mas nem por isso a gente sentia aquela dificuldade. Sentia, mas era a nossa voz ali que valia no momento. Começou em 2010, dia 14 de junho de 2010, daí o Fundo Solidário do Açaí nasceu nessa data aí. As pessoas foram acreditando, foram começando a acreditar, e aí quem não contribuía começou a contribuir porque começou a ver resultado (moradora da comunidade).

³ Cada lata de açaí corresponde à cerca de 15 quilogramas do fruto.

Começando com um real por cada lata de açaí vendida pelos moradores da comunidade Santo Ezequiel Moreno, o Fundo Solidário Açaí atualmente arrecada dois reais por cada lata. Com esse Fundo foi possível o fortalecimento da organização da comunidade, da sua Associação e da relação com os parceiros, que têm contribuído, principalmente, com a formação e administração solidária do Fundo. Assim, o arrecadado pelo Fundo possibilitou responder às diferentes necessidades dos moradores da comunidade.

O que é que a gente vai fazer? Vai fazer ponte, porque as nossas pontes não eram assim, era apenas ali colocado, era açazeiro mesmo né, aquelas pontes de açazeiro. As casas eram ligadas através de pontes, mas de açazeiro, que era mais difícil. Então qual que era a prioridade? Uma ponte para ligar as casas? Então vamos fazer. E assim a gente foi fazendo. Então a gente via, até hoje a gente faz: o que é a prioridade para que o Fundo Açaí possa apoiar? É ampliar o centro? É construir uma ponte? É ajudar a construir a capela? É fazer estrutura para algum projeto vir? É investir na educação, porque muitas vezes tem aluno que vai estudar e não tem o recur-

so, então dá para emprestar? Dá para emprestar. Tem uma reunião que é para ir fazer uma formação lá em Breves, lá em Belém, então não precisa a gente estar pedindo passagem, porque o Fundo Solidário dá, já consegue arcar com isso. Claro, não doar, mas emprestar a gente empresta, para a saúde também. A pessoa está doente e não tem, mas o Fundo Solidário tem. Então para tudo isso ele serve, o Fundo Solidário Açaí. E hoje é isso que você vê. Todas as estruturas que a gente tem aquiio Fundo Solidário Açaí e a comunidade, claro, com a mão de obra. Então a gente cresceu muito com a questão do Fundo. Foi o Fundo que chamou a atenção, na verdade, de muitas ONGs, de muitas entidades que hoje trabalham aqui na comunidade. Já fizemos um trabalho depois, para fazer umas formações de como funcionava o Fundo Solidário. Mas tudo isso depois que a gente já tinha. Sempre eu falo que hoje tudo o que a gente faz aqui é muito mais fácil para gente porque nasce de nós aqui, numa reunião que a gente faz. (...) O Fundo Solidário Açaí tem uma coordenação, de primeiro e segundo coordenador, um tesoureiro e um secretário, assim que ele funciona também (morador da comunidade).



Ponte de 650 metros, construída com os recursos do Fundo Solidário Açaí.



Viveiro de mudas em construção, também a partir do Fundo.



Agroindústria comunitária para o processamento do açaí e de frutos do agroextrativismo.

O Fundo Solidário Açaí proporcionou à comunidade Santo Ezequiel Moreno a construção do Centro Comunitário; a construção de mais de 650 metros de ponte, que liga as moradias na várzea às roças em terra firme; a construção de um sistema de encanação que garante água potável, proveniente de um poço artesiano, para os moradores da comunidade; a implantação de uma agroindústria comunitária para o processamento do açaí e de frutos do agroextrativismo, entre outros. Da sua criação até o ano de 2017 foram 16 ações com a participação do Fundo Solidário Açaí, segundo informações recolhidas na oficina de sistematização de experiências realizadas na comunidade com o Instituto Internacional de Educação do Brasil (MIRANDA et al., 2017).

Foi a organização da comunidade e a visibilidade do Fundo Solidário Açaí que proporcionaram um maior reconhecimento nacional e até internacional. “Fico feliz pela comunidade Santo Ezequiel Moreno já ser uma referência não só aqui no Estado do Pará, mas em outros estados. Até fora do Brasil já somos bem reconhecidos pelas experiências que temos” (moradora da comunidade). A iniciativa do Fundo Solidário Açaí garantiu à comunidade a certificação pela Fundação Banco do Brasil, em 2017, como sendo de uma Tecnologia Social e também a conquista do 10º Prêmio Caixa Melhores Práticas em Gestão Local 2017/2018.

Nós concorremos a premiações lá da Fundação do Banco do Brasil. A gente não foi premiado, mas foi certificado. Na Caixa Econômica nós fomos premiados, tanto a nível estadual como nacional, nós fomos premiados também, por trabalhar essas boas práticas. (...) É uma luta você tentar concorrer com 200, 300, 400 entidades, mas graças a Deus a gente consegue ficar pelo menos na segunda etapa nas seletivas. E na Caixa fomos premiados. Foram 10 de mais de 200 entidades, foram 10 premiados (morador da comunidade).

Com sua organização e reconhecimento, a comunidade teve acesso a políticas públicas e contribuições de parceiros. Assim, em 2013 conseguiram ingressar no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) que busca o fornecimento de produtos agrícolas e do agroextrativismo para uso na merenda e ações de educação alimentar e nutricional. A inclusão da comunidade no PNAE e a possibilidade de ampliação e fornecimento ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), política pública importante de apoio e incentivo à produção local de alimentos de qualidade, estimulou a construção de uma cozinha comunitária, a Cozinha Agroextrativista laçá.

Cozinha laçá

Com o protagonismo e organização das mulheres da comunidade Santo Ezequiel Moreno e apoio do Fundo Solidário Açai e de parceiros é criada a Cozinha laçá, em 2018. Os objetivos da Cozinha laçá foram principalmente empoderar e dar visibilidade à organização e ao trabalho das mulheres da comunidade. Também buscou contribuir para a diversificação da produção, das fontes de renda da comunidade, garantir uma alimentação de qualidade para as crianças e jovens estudantes, valorizar os produtos do agroextrativismo local e concentrar, em um só lugar, a elaboração da merenda escolar fornecida para o PNAE, já que anteriormente a alimentação era feita em diversas casas da comunidade.

Uma comunidade que não tem a união não consegue nada. E hoje, a forma como a gente vem trabalhando, essa cozinha aí também é fruto do nosso trabalho coletivo. A estrutura dela foi construída uma parte com o Fundo, e a máquina foi um recurso da Caixa que a gente conseguiu pra esse maquinário. Então a gente conseguiu a máquina, mas a mão de obra foi da comunidade, e um recurso do Fundo a parte. Mas a gente vê também que hoje a gente está buscando melhorar a questão da merenda escolar, o PNAE. A questão da merenda escolar, dos próprios comunitários. As crianças que estão estudando e recebendo o produto da agricultura familiar. Creio que mais de 80% hoje da merenda da escola é fornecida pela comunidade. (...) A gente sabe que hoje é o açai, acabou a safra não tem mais dinheiro de açai, mas a gente está diversificando novas produções e geração de renda de novo para a comunidade, para que a gente possa fortalecer buscando essa autonomia, buscar a crescer maior. (morador da comunidade).

Feiras de Ciências

Um importante impulsionador da Cozinha laçá tem sido as Feiras de Ciências do Acutipereira, que acontece anualmente, desde 2016, na comunidade Santo Ezequiel Moreno.

A gente trabalhou com culinária, foi numa das oficinas da feira, daí surgiu a ideia, a necessidade na verdade, da cozinha, aí escreveram o projeto, e a gente conseguiu ganhar o projeto na Caixa. Mas assim, só com as máquinas, então a estrutura a gente não tinha, a gente teve que fazer na verdade, aí o Fundo Solidário entra aí e faz, prepara o espaço. Mas tem toda uma burocracia, que eu sei que vocês sabem: ah, não pode porque isso e aquilo. Aí sempre a gente fala que a gente trabalha na lei da sobrevivência. Então a gente busca fazer da melhor maneira possível tudo, é como eu falo: as coisas surgindo de dentro para fora, a gente consegue fazer (moradora da comunidade).

As Feiras têm contado com parceiros como a Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), a Secretaria de Educação do Município de Portel (SEMED) entre outros. O objetivo da Feira tem sido proporcionar a troca de conhecimentos entre as comunidades locais e parceiros, realizar diversas atividades e oficinas que têm contribuído para a melhoria da produção e da vida das comunidades participantes.

A gente ouvia falar da Feira de Ciências de Caxiuanã, onde tem uma reserva nacional; a Feira de Ciências de um lugar, de outro... Aí, um certo dia, a gente sempre buscava reunir, a CPT, vem atuando

aqui no Acuti Pereira desde 2004. (...) E aí surgiu essa situação ali na escola: vamos criar uma feira! Feira de quê? Feira de ciências! Mas o que a gente vai fazer? Vamos inventar! Vamos trabalhar com energia solar, vamos trabalhar com SAF. Aí assim a gente foi buscando. E agora, quem vai ajudar nós a fazer isso? Sabemos que a questão do Poder Público é muito ausente, né? Aí nós, comunidade, professores, vamos ajudar. Os secretários... E aí aconteceu a primeira feira de ciências do Acuti Pereira. (...) Teve bastante gente. Aí, vamos pensar na segunda. Na segunda veio já a UFRA fazer visita no município de Portel, com essa ansiedade tomou um pouco da água aqui do Acuti Pereira. Veio até aqui à comunidade Santo Ezequiel. Aí nós falamos da questão da feira de ciências, e a professora da UFRA se interessou: "A gente vai abraçar também, a gente vai estar junto com vocês na próxima". Beleza, é isso que a gente quer: parceiros. (...) Aconteceu, vamos pensar na terceira feira. Já vêm mais parceiros, aí já veio a Embrapa, o Instituto Federal do Pará (IFPA), outras ONGs para junto do grupo. Começamos

a crescer. Aí a quarta, que foi esse ano, bombou, e aí já veio gente de outros rios, outros municípios, outros estados, veio gente de Brasília, de Minas Gerais, então a gente começou a buscar mais parceiros. Quando a gente começou a trabalhar energia renovável lá na primeira, nós trouxemos já o cara que faz placa solar para dentro do grupo (morador da comunidade).

A realização da quarta edição da Feira de Ciências, que aconteceu em 2019, teve grande significado para a comunidade e serviu para ampliar a articulação com outros atores locais, regionais e nacionais. Como informou a Univesidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), a IV Feira de Ciências do Acutipereira contou com 550 participantes vindos dos estados do Amapá, Pará, Minas Gerais e do Distrito Federal. Do município de Portel, estiveram participando 46 comunidades e 22 escolas dos seus principais rios. Durante os três dias do evento foram oferecidos 18 cursos e oficinas, dos quais participaram 391 pessoas. (UFRA, 2019).



Cartazes das Feiras de Ciências do Acutipereira.

Manejo dos Açaizais

Como foi constatado nas conversas mantidas na comunidade Santo Ezequiel Moreno, a Cozinha laçá, a Feira de Ciências e outras atividades que a comunidade Santo Ezequiel Moreno realiza, tem ocorrido devido à organização de seus membros, explicitada principalmente pela criação de sua Associação e pelo Fundo Solidário Açaí, o mais representativo de sua mobilização e organização para a melhoria de vida da comunidade e preservação do ambiente.

Tudo isso é a valorização dos recursos que a gente tem que é a floresta em pé, porque ela vale muito mais do que ela derrubada. Então, muitas vezes as pessoas acham que têm que derrubar para ser valorizada, mas para nós é o contrário (morador da comunidade).

O interesse em continuar aprimorando suas atividades produtivas, aumentando o rendimento das famílias e enfrentando a exploração predatória do açaí, importante fonte de alimento, promovida pelas palmitadeiras, fez com que a comunidade procurasse alternativas para aumentar a produção dos açaizais nativos. Uma das alternativas que se apresentaram foi o seu manejo.

Essa realidade, somada à repercussão do Fundo Solidário Açaí, atraiu parcerias que iam de encontro aos interesses da comunidade, uma delas foi com a EMBRAPA Amazônia Oriental através do Projeto Bem Diverso⁴. Este Projeto, ocorrido de 2016 a 2020, buscou formar multiplicadores das comunidades em “manejo de mínimo impacto de açaizais nativos”. A partir daí foi elaborado um projeto que possibilitasse

contribuir com o aumento da produção do açaí, e assim foi criado o Centro de Referência em Manejo de Açaizais no Marajó (MANEJAÍ), em 2019, com sede na comunidade Santo Ezequiel Moreno e com atuação em todo Marajó.

Claro que tem que manejar, e é isso que nós estamos fazendo, é manejar para melhorar a produtividade, mas dentro do manejo, não só a produtividade, mas tem toda uma situação também que é a vida que está em jogo, do extrativista. É você reduzir, também, o trabalho, o esforço físico. O risco de você, quando não maneja, quebrar o açaizeiro, fraturar uma perna ou até mesmo morrer, isso tem acontecido no Marajó. E o manejo não, o manejo faz com que você, ganhe com isso. Há uma produtividade na redução do esforço físico. Então, tudo isso, vale a pena fazer. Uma área não manejada traz em torno de 1, 2 toneladas, a manejada traz de 5 a 6 toneladas. Não é vantagem manejar? (morador da comunidade).

Assim, o manejo dos açaizais nativos, onde predominam a espécie que se desenvolve em touceiras (*Euterpe oleracea* Mart.), ganhou destaque na comunidade e o projeto MANEJAÍ contribui para o manejo adequado. Este projeto tem como objetivo “contribuir para o manejo sustentável da biodiversidade, assegurando os modos de vida das comunidades tradicionais e agricultores familiares, gerando renda e melhorando a qualidade de vida”. E busca também “ser referência na geração e socialização de informações contribuindo para inovação e sustentabilidade da produção de açaí no Marajó” (MANEJAÍ, 2020). É um dos moradores da comunidade Santo Ezequiel Moreno que explica como é feito o manejo.

⁴ Projeto Bem Diverso é uma parceria entre a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), o Programa das Nações Unidas pelo Desenvolvimento (PNUD) e o Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF).

O manejo, ele é para buscar manter em cada área de 25mx25m uma quantidade adequada de espécies florestais e touceiras de açaí. A gente pensou no objetivo geral do projeto com a escola e os convidados, na ampliação da visão dos alunos e dos comunitários. Como usar esses recursos naturais de maneira sustentável, então se manter futuramente usando esses recursos, com sustentabilidade para a sua alimentação diária, e pensando como o aluno futuramente está tirando desses recursos naturais renda para futuramente estar pagando uma faculdade. (...) Para começar o manejo, ele possui quatro etapas. A primeira: você fazer o delineamento da área. Esse delineamento vai da pessoa que vai fazer, que escolhe para começar a sua base. O nosso, da escola, a gente delineou uma área de 50 x 50 e dividiu ela em quatro parcelas de 25. A segunda etapa é um inventário: no nosso nós fizemos um diagnóstico da área, e a gente listou quantas espécies têm e touceiras de açaí, contabilizando na área na realização do inventário. A terceira etapa é o processamento dos dados do inventário que a gente realizou na unidade. Nesse processamento dos dados do in-

ventário, você vai contabilizar na área por parcela. Cada parcela de 25, você vai anotar. Cada parcela de 25m x 25m, para o manejo, é necessário ter 25 touceiras de açaí e 16 espécies florestais (...), 10 finas, 3 médias e 3 grossas. E a última etapa é a intervenção. Essa intervenção é a retirada de espécies (morador da comunidade).

Mas a técnica diz que na touceira tem que ficar 5 árvores adultas, que já dá cacho, 4 jovens que ainda não deram cacho, e 3 perfilhos, que é aqueles abaixo de 1 metro. Então essa é a quantidade pra cada touceira. O espaçamento é 5m x 5m onde dá para fazer, mas sabemos que tem uma diferença muito grande do açaí de várzea para terra firme. (...) É um desafio muito grande para nós trabalhar a questão do manejo, mas tem lugar que não dá para ficar nenhuma adulta e nem o jovem, somente perfilho. Por que nesses açazais nunca foi feito o manejo, ele está numa área muito fechada de outras espécies florestais, então por isso tem que fazer uma intervenção dentro da área, para que o sol possa entrar para o açaí dar fruto (morador da comunidade).



Detalhes do açazal e do açazeiro.



Detalhes dos frutos do açaizeiro.

Cada família da comunidade é responsável por coletar o açaí em uma determinada área de açaizeiros nativos, e essa atividade é realizada por jovens e adultos, homens e mulheres. O açaí coletado é armazenado em rasas, que são cestos de arumã, produzidos artesanalmente pelos moradores. Cada rasa armazena por volta de 15 quilos de açaí.

Posteriormente os frutos coletados são vendidos in natura em Portel por alguns membros da comunidade, chamados localmente de peconheiros, que são também responsáveis por arrecadar a contribuição de 2 reais por rasa vendida para o Fundo Solidário Açaí.

A produção de açaí, principal fonte de renda e importante na alimentação da comunidade Santo Ezequiel Moreno, tem destaque nas atividades cotidianas da comunidade. No entanto, a comunidade vem buscando diversificar a produção, a fim de gerar outras fontes de renda e de alimento de qualidade, garantindo abundância e autonomia das famílias da comunidade ribeirinha.

A gente sabe que hoje é o açaí, acabou a safra não tem mais dinheiro de açaí,

mas a gente está diversificando as novas produções e a geração de renda da comunidade, para que a gente possa se fortalecer, buscando autonomia, buscando crescer mais.

Então nós criamos a nossa própria autonomia, valorizando nossos produtos de uma forma diversificada, não só vendendo o nosso produto in natura, mas começando a produzir os nossos alimentos também de uma forma industrializada, porque aí a gente agrega mais valor. Acho que é o momento de refletir, de fazer uma reflexão, mas também não fazer a monocultura do açaí, deixar e diversificar, porque a gente tem também outra forma de se melhorar ali dentro, com outras espécies que agregam valor. Mas aquelas que não agregam valor para nós têm uma importância muito grande, que é para os insetos, para as abelhas. As que dão flor fazem com que as abelhas fiquem próximas das árvores do açaí, e por isso as abelhas vão em todas as plantas. Se as abelhas não fazem o papel delas, o fruto não vinga (morador da comunidade).

CONHECENDO O AÇAIZEIRO

O açaizeiro é uma palmeira perene nativa na região da comunidade Santo Ezequiel Moreno. A espécie *Euterpe oleracea* Mart. é a predominante, e se desenvolve em touceiras. “Nós sabemos que o nosso açaí é o açaí de touceira, que é o *Euterpe oleracea*, e nós não temos o precatória, que é só um estipe” (morador da comunidade). A espécie se distribui na região tropical, de temperatura, precipitação e umidade elevadas, abrangendo, no Brasil, o Estuário Amazônico, situado na Amazônia Oriental (JARDIM, 2002).

Do açaizeiro é consumida, principalmente, a polpa dos frutos, mas também o palmito. A polpa do fruto é bastante utilizada na alimentação e nutrição de seus moradores e da população da Amazônia de uma forma geral. Com a polpa também são confeccionados bolos, sorvetes, doces, etc. Suas sementes despulpadas também



servem para artesanatos e como substrato e nutriente para as plantas. Suas folhas podem ser utilizadas na cobertura de casas, na confecção de utensílios domésticos e de trabalho e artesanatos. Seus estipes são aproveitados como esteios na construção de casas, galpões e cercas, além de serem utilizados na construção de pontes. (SILVA, ROCHA e FLORES, 2020). A infusão da raiz do açaizeiro é utilizada na comunidade no tratamento de diarreia, uso relatado por estudos científicos que também mencionam o uso tradicional da raiz do açaizeiro para o tratamento de verminoses (GOIS et al., 2016).

O açaí é uma espécie de planta que gosta de sol (heliófila). A quantidade de luz solar que as palmeiras de açaí recebem determina a sua altura e produção.

A reprodução desta espécie ocorre através de perfilhos (brotos), emitidos na base dos estipes (caule das palmeiras) que formam as touceiras, ou através de sementes, a mais utilizada por possuírem alto grau de germinação (QUEIROZ e MOCHIUTTI, 2001).

A frutificação da palmeira do açaí ocorre, com maior intensidade, entre julho e outubro. “A safra nessa região de Portel vai de julho ao começo de outubro, são os meses que o açaí dá em quantidade maior. Agora (dezembro de 2019) deram, mas é bem pouco. O corte aqui na região é no verão” (morador da comunidade). Seus frutos apresentam, em geral, coloração roxa.

Os órgãos reprodutivos masculinos e femininos do açaizeiro estão localizados em flores diferentes em um mesmo indivíduo (monoica), e suas estruturas masculinas amadurecem antes das femininas (protândrica), evitando a autofecundação por um lapso temporal. A predominância da reprodução do açaí é cruzada entre indivíduos dessa espécie. Sua inflorescência é do tipo cacho e a polinização é realizada por insetos, principalmente besouros e abelhas (OLIVEIRA, 2002).

REFERÊNCIAS

CARVALHO, João Paulo Leão; CRUZ, Benedito Ely Valente da; CALVI, Miquéias Freitas. Política Agrária e o Ordenamento Territorial no Marajó, Pará. Mercator (Fortaleza), Fortaleza, v. 18, 2019. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-22012019000100210&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em 12 de novembro de 2020.

GOIS, M. A. F. et al. Etnobotânica de espécies vegetais medicinais no tratamento de transtornos do sistema gastrointestinal. Revista Brasileira de Plantas Mediciniais, v. 18, n. 2, p. 547-557, 2016.

IBAMA - INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS. Relatório preliminar sobre as possíveis causas dos ataques de morcegos hematófagos no Rio Acuti-Pereira. Relatório técnico do escritório regional de Breves. Portel, 2004.

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Relatório de Pesquisa. Observatório da função socioambiental do Patrimônio da União na Amazônia. Relatório Territorial do Marajó. Rio de Janeiro, 2015. 112 p. Disponível em <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatoriopesquisa/150715_relatorio_marajo.pdf>. Acesso em 9 de novembro de 2020.

JARDIM, Mário Augusto Gonçalves. A cadeia produtiva do açaizeiro para frutos e palmito: implicações ecológicas e sócio-econômicas no Estado do Pará. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, v. 18, n. 2, p. 287-305, Belém, 2002. (Série Antropologia). Disponível em <<http://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/150>>. Acesso em 6 de novembro de 2020.

MANEJAÍ - CENTRO DE REFERÊNCIA EM MANEJO DE AÇAIZAIS NO MARAJÓ. Unindo esforços e fortalecendo entidades locais para geração e democratização do conhecimento. Portel, Pará, 2019. Disponível em <<http://www.manejai.com.br>>. Acesso em 13 de novembro de 2020.

MIRANDA, Katiuscia; POTIGUAR, Manoel; MORAES, Maura; MENDONÇA, Rosevany e SILVA, Ruth CORRÊA da. Embarca Marajó: estratégias locais de inovação, fortalecimento institucional e desenvolvimento sustentável. Belém: Instituto Internacional de Educação do Brasil, 2017. 132p.

NOGUEIRA, Oscar Lameira, & HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. A importância do manejo de recursos extrativos em aumentar o "carrying capacity": o caso de açaizeiros (*Euterpe oleracea* Mart.) no estuário amazônico. In: Poematropic, nº 2. Belém: UFPA, p. 31-35, 1998.

OLIVEIRA JÚNIOR, Paulo Henrique Borges. Ribeirinhos e roceiros: gênese, subordinação e resistência camponesa em Gurupá. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

OLIVEIRA, Maria do Socorro Padilha de. Biologia floral do açaizeiro em Belém, PA. Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento, nº 8. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2002. 26 p.

QUEIROZ, José Antônio Leite de & MOCHIUTTI, Silas. Cultivo de açazeiros e manejo de açazais para produção de frutos. Macapá: Embrapa Amapá, 2001. 33p. (Série Documentos nº 30). Disponível em <<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/346787/cultivo-de-acaizeiros-e-manejo-de-acaizais-para-producao-de-frutos>>. Acesso em 19 de dezembro de 2020.

RAMOS, Carlos Augusto. Acuti Pereira: quantos frutos de açaí valem um palmito? In: Casos de Ensino sobre Manejo Florestal Comunitário na Amazônia. Fundação Roberto Marinho. Rio de Janeiro. 2016, p. 37-48.

SILVA, Alexandre Nunes da; ROCHA, Gilberto Miranda & FLORES, Maria do Socorro Almeida. Iniciativas Econômicas Solidárias e Redes de Colaboração na Amazônia Marajoara. In: Revista Internacional Interdisciplinar- INTERthesis, vol. 17. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2020, pp. 1-21. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2020.e70125/42685>>. Acesso em 23 de setembro de 2020.

SILVA, Joel Pantoja da. Cartografia da Encantaria Marajoara. In: Movendo Ideias: revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura. Belém: Unama, v. 20, n. 2, jul./dez. 2015.p. 11-21. Disponível em <<http://revistas.unama.br/index.php/Movendo-Ideias/article/view/925>>. Acesso em 15 de dezembro de 2020.

UFRA - Universidade Federal Rural da Amazônia. IV Feira de Ciências do Acutipereira: a UFRA transpondo os muros e gerando novas práticas de sustentabilidade. Belém, 2019. Disponível em <https://novo.ufra.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2310:iv-feira-de-ciencias-do-acutipereira-a-ufra-transpondo-os-muros-e-gerando-novas-praticas-de-sustentabilidade&catid=17&Itemid=121>. Acesso em 2 de outubro de 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos e todas que contribuíram na construção da Vivência Amazônica e aos/as que estiveram conosco nesses dias em que os participantes da Vivência Amazônica 2019 tiveram a oportunidade de compreender um pouco sobre a realidade e as lutas dos ribeirinhos/as da comunidade Santo Ezequiel Moreno, no município de Portel, Marajó, no estado do Pará. Um especial agradecimento para a Maria Oneide Alves Mendes, Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Portel (STTR-Portel); Teofro Lacerda Gomes da Associação da Comunidade Santo Ezequiel Moreno; Sônia do Socorro de Oliveira Almeida, da cozinha IAÇA; Nilson Corrêa da Silva, da Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas do Rio Acuti Pereira (ATAA); Odvan Ferreira Corrêa, Associação dos Moradores da Gleba Acuti Pereira (ASMOGA) que contribuíram para que a Vivência Amazônica se realizasse na comunidade Santo Ezequiel Moreno, e possibilitaram o aprendizado sobre a luta pela sobrevivência e o relacionamento com a floresta e as águas da comunidade. Gostaríamos também de agradecer à Professora Sueli Tavares da Silva por nos mostrar a escola e ter disposição de responder às inúmeras perguntas que fizemos. Agradecemos ainda à Aloisio Lacerda Gomes, Ana Maria Ramos de Melo, Benedita do Socorro Moura da Silva, Cleudiane Lacerda Baia, Elizabeth dos Santos Baia, Emanuel Mendes Gomes, Evaneide da Silva Corrêa, Jailson Araújo da Silva, Liane Almeida dos Santos, Luciane Corrêa Barros, Luíza Cardoso dos Santos, Manoel da Silva Corrêa, Manoel Lacerda Gomes, Maria Eliane Araújo da Silva, Maria Luíza Lacerda Gomes, Maria Santana Lacerda Gomes, Mauro Dias Gomes, Raimunda da Silva Barros e Telma do Socorro Lacerda Gomes. A todos e todas da comunidade Santo Ezequiel Moreno agradecemos a acolhida e o conhecimento adquirido durante a Vivência Amazônica. Impossível esquecer esse cantinho do território do Marajó e seu povo alegre e solidário.



FOTOS





PARTICIPANTES DA VIVÊNCIA AMAZÔNICA 2019

ESTUDANTES

Alexandre Arnaud Stemler Reis - Ciências Ambientais
Aline Mirian Souza Lima - Serviço Social
Amanda Pereira Gomes da Silva - Ciências Biológicas
Ana Beatriz Ribeiro Sena - Letras
André João Guilherme Martins Costa - Educação Física
Anna Clara de Faria Martins Vieira - Artes Visuais
Barbara costa Resplandes - Arquivologia
Bruna Braz Braga - Ciências Biológicas
Bruno Godoy de Moraes - Administração
Fiorella Rojo - Direito
Gabriel de Araújo Palmés - Ciência Política
Gabriel de Medeiros Jerônimo - Engenharia de Produção
Gabriely Kelly Santos Feitosa - Ciências Biológicas
Hebert Max Yammine de Almeida - Engenharia de Energia
Helena Dorneles Barbieri de Campos - Artes Visuais
Heloisa Goulart Vilela - Arquitetura e Urbanismo
Igor Mesquita Reinaldo - Comunicação Social
Igor Rodrigues Gonçalves - Engenharia Ambiental
Isabella Ferreira dos Santos - Ciências Naturais
Jefferson Martins Demétrio - Saúde Coletiva
José Rocha Grossi - Ciências Ambientais
Karin Giselle Pereira Jakobowicz - Ciências Biológicas
Lana Cristina Fernandes Rocha - Serviço Social
Lara Diniz Noblat - Gestão de Políticas Públicas
Larissa Gomes Machado - Ciências Ambientais
Lila Shalamar Aquino de Oliveira - Ciências Ambientais
Lucas de Mendonça Nunes - Saúde Coletiva
Ludmila Ewerton Moura - Engenharia Ambiental
Marcela Dálete de Moraes Santos - Ciências Ambientais
Pedro Gabriel Canuto Costa - Comunicação Social
Pedro Leon Figueredo Alves - Filosofia
Pedro Saliba Curi - Audiovisual
Raquel Moreira Wazlawosky - Serviço Social
Taryk Robert de Araújo Maciel - Geografia
Thainah Pereira de Freitas - Engenharia Ambiental
Tiago José de Menezes Cardoso - Engenharia Mecânica
Vanessa da Silva Rodrigues - Ciências Ambientais

PROFESSORES/AS DO NÚCLEO DE ESTUDOS AMAZÔNICOS

Ana Paula Vidal Bastos
Enaile do Espírito Santo Iadanza
Manoel Pereira Andrade

TÉCNICOS/AS DA UnB

Glauce Martins - INT
Vinícius Acioli Alves - UnBTV
Serena Veloso Gomes - Secom

